

MILDRED D. TAYLOR

TROVÃO,
OUÇA O MEU
GRITO

AMOS BR



ALTA BOOKS

GRUPO EDITORIAL

Rio de Janeiro, 2023

*Em memória do meu amado pai,
que viveu muitas aventuras do jovem Stacey
e que, em essência, foi o homem David*

AMOSTRA



INTRODUÇÃO

por Jacqueline Woodson

Eu tinha treze anos quando conheci a família Logan, e embora morasse em Brooklyn, Nova York, passei muitos anos no Sul. Em Cassie Logan, encontrei minha alma gêmea — o nome do meu irmão era Hope e o nome do irmão dela era Stacey. Ambas estávamos familiarizadas com avós amorosas e noites em família sentadas nos degraus da varanda. E também com o calor do Sul, suas leis injustas, sua história profunda e sua beleza. Ler um livro e ver muito de mim refletido nas suas páginas foi emocionante. Mas mais do que isso, *Trovão, ouça meu grito* me ajudou a entender a história de vida de muitas outras pessoas ao longo dos anos — afinal, que criança não gostaria de sentir o amor e ouvir as risadas da sua família? Que criança não gostaria de se vingar de um valentão da mesma maneira que Cassie Logan por fim se vingou de Lillian Jean Simms? Que criança, no fundo do seu coração, nunca pensou em liberdade e justiça? Então eu li este livro. Depois o reli. E o reli novamente. Quando me tornei adulta, já havia lido *Trovão, ouça meu grito* mais de doze vezes, mergulhando de cabeça na história dessa incrível família, torcendo por ela e esperando, a cada vez, que tudo acabasse bem. Mildred D. Taylor nunca me decepcionou.

Quando era criança, eu sonhava em me tornar uma escritora. Sei que me tornei uma escritora porque a sra. Taylor escreveu este

livro e me vi nas suas páginas, da mesma forma que milhares de outros leitores se viram desde então. Mildred D. Taylor me guiou em direção às minhas histórias. Cassie Logan me deu força para escrevê-las. Que leitor, que escritor poderia pedir por algo mais?

AMOSTRA



PREFÁCIO

por Mildred D. Taylor

Eu estava lavando roupas no porão da casa dos meus pais no dia em que algumas palavras bem especiais vieram até mim em forma de música. Desde o início, eu sabia que as palavras — a música — eram importantes, então subi as escadas para encontrar um gravador para não as perder. Não sei onde essa gravação foi parar, mas essa música permaneceu comigo porque se tornou parte de mim. Jamais me esqueceria dela.

Quase um ano antes de ouvir essa música, eu estava trabalhando no livro que haveria de se tornar *Trovão, ouça meu grito*. Nessa época, eu estava fazendo revisões e edições para uma empresa fiscal durante o dia, e escrevia às noitinhas e nos finais de semana. A escrita me consumiu; o livro dominou minha vida. Estava morando em Los Angeles, mas minha mente sempre parecia andar nas vias secundárias do Mississippi, em outra época e lugar. Quando o livro estava quase concluído, achei que a escrita estava ficando cada vez mais difícil. Os eventos concludentes do livro eram poderosos e precisavam ser escritos dessa forma, mas não estava conseguindo acertar o tom.

Eu precisava escrever mais dois capítulos quando meus pais me pediram para voltar para casa. Minha mãe precisava fazer uma

operação, e meu pai já não estava trabalhando há várias semanas por causa de uma fadiga incomum e de uma gripe da qual ele parecia não conseguir se livrar. Assim, tirei uma licença do meu trabalho de revisão e voltei para Toledo. Minha mãe se recuperou rapidamente da sua operação, e meu pai parecia bem. Mas ele disse que se sentia muito cansado. Os médicos estavam fazendo testes atrás de testes. Nenhum deles parecia saber qual era o problema ou, se sabiam, não estavam dizendo.

No dia em que ouvi a música, meu pai estava sentado na sua poltrona favorita, uma grande poltrona reclinável de couro que ficava do lado da lareira da sala. Com as palavras da música dançando na minha mente, fui até meu pai. Disse-lhe como essas palavras haviam chegado até mim e o quão especial elas eram. Que parecia que eu não havia pensado nelas, mas que elas haviam simplesmente sido colocadas na minha mente para serem transcritas. Expliquei o que elas significavam para mim e para o livro. Então compartilhei algo bastante especial com ele. Disse-lhe o que essas palavras haviam me contado, que o livro que estava escrevendo ganharia a Medalha Newbery. Que soube disso assim que ouvi a música. Não havia pensado nisso antes, mas sabia agora. Meu pai não sabia o que era a Medalha Newbery, então expliquei isso a ele. Ele sorriu e disse que teria orgulho disso. Então cantei a música para o meu pai.

Oito meses depois, meu pai faleceu.

Seis meses após a sua morte, *Trovão, ouça meu grito* foi publicado.

Quatro meses depois, foi anunciado que *Trovão, ouça meu grito* havia ganhado a Medalha Newbery de 1977 como contribuição mais notável para a literatura infantil norte-americana. Eu recebi esse prêmio, mas nunca o considerei como meu. Considerei-o como do meu pai, pois sem as palavras e ensinamentos dele, sem a história de

família que ele compartilhou comigo, sem todas as histórias que ele me contou durante a minha vida, sem sua determinação de que eu conhecesse o Sul e o Norte, *Trovão, ouça meu grito* nunca teria sido escrito.

Nos vinte e cinco anos desde a publicação de *Trovão, ouça meu grito*, continuei escrevendo as histórias que meu pai e outros membros da minha família contaram. Desde que me lembro, essas histórias foram encenadas nas varandas à luz do luar ou na frente do fogo das lareiras. Foram histórias contadas com tanto entusiasmo e habilidade de interpretação que pessoas que já estavam mortas há muito tempo voltaram a viver através das vozes e dos movimentos dos narradores. Foram histórias sobre meu bisavô, que nasceu como escravo e era filho de um proprietário de terras branco e de uma mulher afro-indiana. Sobre minha bisavó, cuja força manteve a família unida depois da morte do meu bisavô e cuja generosidade é mencionada até hoje na família. Sobre meus tios-avós, que se rebelaram contra o racismo do Sul. Sobre meu pai, seus irmãos e sua irmã crescendo na terra que meu bisavô comprou no século XIX. Sobre família. Sobre uma comunidade rural. Sobre injustiça racial. Às vezes, essas histórias estavam repletas de risos; outras vezes, de tragédia. Havia muita história nesses relatos, e continuei a contá-la em *Let the Circle Be Unbroken*, *The Gold Cadillac*, *The Friendship*, *The Road to Memphis*, *Mississippi Bridge* e *The Well* [todos sem tradução no Brasil]. Todos estes livros, incluindo *The Gold Cadillac*, fazem parte da saga da família Logan.

Ao longo dos meus anos de escrita, procurei apresentar um aspecto da história norte-americana que não foi incluída nos livros de história da minha infância. Procurei apresentar uma família unida no amor e no respeito próprio e pais fortes e sensíveis, que procuravam guiar seus filhos com sucesso através do perigoso labirinto

de se viver em uma sociedade discriminatória sem prejudicar seu espírito. Queria que os leitores conhecessem essa família, que era baseada na minha, e queria que sentissem que eram seus parentes e que se colocassem no lugar deles.

Foi uma longa jornada escrever livros baseados nas histórias contadas pelo meu pai e por outros membros da minha família desde a minha infância até agora, mas sempre procurei manter o rumo. Desde *Song of the Trees*, meu primeiro livro, a *The Land* [ambos sem tradução no Brasil], minha obra atual, procurei apresentar um retrato realista da vida nos EUA tal como os membros mais velhos da minha família descreveram e tal como me lembro dos dias antes do Movimento dos Direitos Civis. Em todos esses livros, recontei não apenas o prazer de crescer em uma família grande e apoiadora, mas meus próprios sentimentos de precisar lidar com a segregação e com o preconceito. Escrever esses sentimentos nunca foi fácil, mas quando meus primeiros livros foram publicados, as pessoas entenderam esses sentimentos e a história que escrevi.

— Sim — diziam elas. — Nós nos lembramos como foi isso.

Hoje em dia, porém, as gerações mais jovens não sabem como foi a época quando havia placas nas portas dos banheiros, nas fontes de água e nas janelas de restaurantes e hotéis que diziam: APENAS BRANCOS. PROIBIDOS NEGROS. A geração atual de crianças, bem como muitos dos seus pais e professores, não precisou aguentar tais afrontas ou até aspectos piores do racismo que prevaleceu nos EUA, e sou grata por isso. Infelizmente, porém, como sabemos, o racismo ainda existe.

Nos meus livros, procurei contar a história da minha família, bem como dos efeitos do racismo, não só sobre as vítimas dele, mas também sobre os próprios racistas. Relatei eventos que eram difíceis de ler, mas que esperava que trouxessem mais compreensão. No entanto, hoje em dia, existem aqueles que acham que minhas

narrativas são dolorosas demais e que procuram remover livros como os meus das listas de leituras escolares. Que dizem que esses livros deviam ser removidos porque eles usam a palavra com N. Que afirmam que esses eventos, tal como descritos nos meus livros e nos livros de outros, não aconteceram. Que não querem se lembrar do passado ou que não querem que seus filhos saibam sobre o passado e desejam enterrar a história.

Quando soube desses sentimentos, fiquei bastante perturbada. Fiquei bastante perturbada também com a possibilidade de que minhas palavras tivessem prejudicado alguma criança. Como mãe, sei o que é não querer que seu filho escute palavras dolorosas. Mas, também como mãe, não concordo com tentar impedir uma criança de aprender sobre uma história que faz parte dos EUA, uma história sobre uma família que representa milhões de famílias que são fortes e amorosas e que continuam sendo unidas e fortes apesar dos obstáculos que enfrentam.

Em anos recentes, devido à minha preocupação com nossa sociedade “politicamente correta”, hesitei em usar palavras que eram faladas na época em que a narrativa dos meus livros acontece. Mas assim como devo ser honesta comigo ao contar minhas histórias, percebi que preciso ser honesta com os sentimentos das pessoas sobre quem escrevo e com as histórias contadas. Meu pai e os outros narradores contaram histórias verdadeiras sobre a minha família, e é essa a história que conto nos meus livros. Quando houve humor, minha família contou isso. Quando houve tragédia, minha família contou isso. Quando as palavras feriram, minha família as disse. Minhas histórias não serão “politicamente corretas”, de modo que haverá pessoas que se sentirão ofendidas com elas. Mas, como sabemos, o racismo é ofensivo.

Não é educado, e sim cheio de dor.

Quando meu pai e os outros narradores compartilharam a dor da vida deles e da vida de outros comigo, fiquei indignada com o fato de que uma pessoa pudesse tratar outra com tal desumanidade e desrespeito, e, a partir dessa indignação, fiquei determinada a contar essas histórias a outras pessoas. Atualmente, as histórias que meu pai me contou quando era criança afetaram muitas outras pessoas ao redor do mundo que se viram refletidas na família Logan. Enxergaram-se nela, e isso as inspirou. Lembro-me de uma garota em particular.

Era uma garota zulu da África do Sul que leu *Trovão, ouça meu grito* durante os dias do apartheid. Ela me escreveu porque a luta dela foi muito parecida com a da família Logan, e como essa família venceu a luta, isso lhe deu a fé de que, um dia, ela e o povo dela também venceriam. Meu pai teria orgulho dela.

Agora tenho apenas mais uma história para contar sobre a família Logan. É a história da família do Norte, nos dias da Segunda Guerra Mundial e das primeiras sementes do Movimento dos Direitos Civis. Enquanto escrevo esse último livro da saga da família Logan, continuarei a observar os mesmos princípios que sempre estiveram comigo. Também guardarei no coração as palavras especiais que me inspiraram a escrever *Trovão, ouça meu grito*. É a música que cantei para o meu pai.

Trovão,

Ouça meu grito

Sobre as águas

No Céu

O velho está vindo

Até aqui

Chicote na mão
Para me espancar
Mas não
Vou deixar ele
Me mudar¹

Este prefácio apareceu originalmente na edição de aniversário de 25 anos, publicado em 2001.

AMOSTRA

.....

¹ Original: Roll of thunder, / Hear my cry / Over the water / Bye and bye / Ole man comin' / Down the line / Whip in hand / To beat me down / But I ain't / Gonna let him / Turn me 'round. (N. T.)



NOTA DA AUTORA

Meu pai era um mestre contador de histórias. Ele conseguia contar uma boa e velha história que me fazia segurar os lados do meu corpo enquanto rolava de rir e lágrimas de alegria escorriam pelas minhas bochechas ou uma história realista e difícil que me fazia tremer e agradecer pelo meu ambiente quentinho e seguro. Ele sabia contar histórias de beleza, graça e belos sonhos e retratá-las tão vividamente quanto uma foto, com toques de personalidade e diálogo. Sua memória detalhava cada evento de dez ou quarenta anos atrás ou mais como se tivessem acontecido ontem.

Ao lado da lareira da nossa casa no Norte ou no Sul, onde nasci, aprendi uma história que não foi escrita em livros, mas passada de geração em geração nos degraus de varandas iluminadas à luz do luar e ao lado de lareiras que estavam se apagando em casas de um cômodo só, uma história de avós, de escravidão e dos anos depois da escravidão; daqueles que continuaram vivendo, ainda sem liberdade, mas que não permitiram que seu espírito fosse escravizado. Da minha própria herança e de mim mesma. Do meu pai, o homem de quem aprendi ainda mais, pois ele foi abençoado com um dom especial que fazia com que ele se destacasse acima de todos os outros homens. Ele era caloroso e inabalável, um homem que não abriria mão dos seus princípios. Havia dentro dele uma força rara que sustentou não apenas minha irmã, a mim e toda a família,

mas todos aqueles que buscavam seu conselho e baseavam-se na sua sabedoria.

Ele era uma pessoa bastante complexa, mas me ensinou muitas coisas de forma simples, coisas que uma criança deveria saber: como andar a cavalo e patinar; como fazer bolhas de sabão e um nó que podia dar conta dos ventos do inverno; como dar banho em um vira-lata fiel chamado Tiny. Com o passar do tempo, ele também me ensinou coisas mais complexas. Ele me ensinou sobre mim, sobre a vida. Sobre esperanças e sonhos. E sobre o amor às palavras. Sem seus ensinamentos, sem suas palavras, minhas palavras não teriam existido.

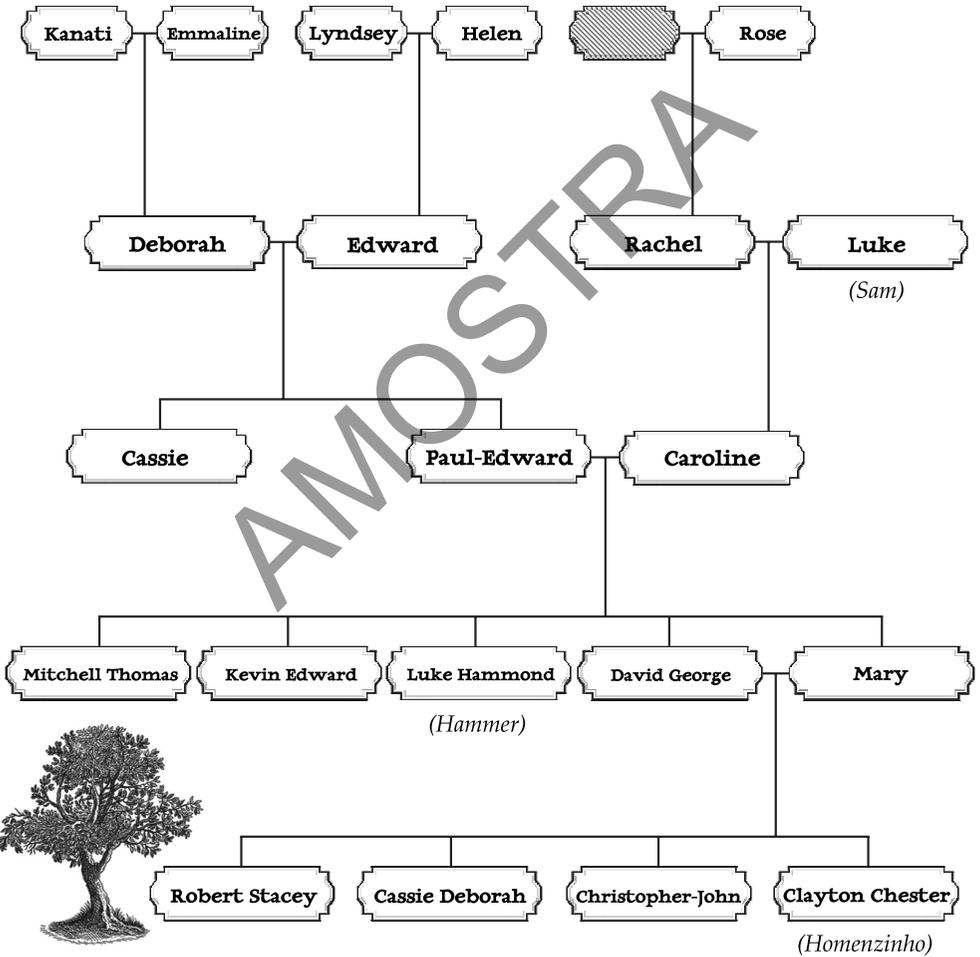
Meu pai faleceu na semana passada. As histórias da forma que só ele podia contar morreram com ele. Mas sua voz de alegria e suas risadas, sua força persistente, seus princípios e sua sabedoria constante permaneceram, uma parte de todos aqueles que o conheciam e amavam. Permanecem também nas páginas deste livro, com seu espírito orientador e sua força total.

Esta nota da autora apareceu originalmente na primeira edição, publicada em 1976.

ÁRVORE GENEALÓGICA DA FAMÍLIA LOGAN

← A FAMÍLIA LOGAN →

← A FAMÍLIA PERRY →





1

— Homenzinho, dá para andar mais rápido? Se continuar assim, vamos nos atrasar.

Meu irmão mais novo não me deu nenhuma atenção. Agarrando com mais firmeza seu caderno encapado com jornal e seu almoço em lata, que incluía pão de milho e salsichas, ele continuou se concentrando na estrada poeirenta. Estava vários metros atrás dos meus outros irmãos, Stacey e Christopher-John, e de mim, procurando evitar que a poeira avermelhada do Mississippi subisse a cada passo e caísse nos seus brilhantes sapatos pretos e nas bainhas das suas calças de veludo, erguendo cada pé bem alto antes de pisar delicadamente no chão novamente. Sempre meticulosamente asseado, este Homenzinho de seis anos nunca permitia que poeira, rasgos ou manchas desfigurassem nada do que ele possuía. Hoje não seria uma exceção.

— Se continuar com isso e chegarmos atrasados, você vai se ver com a mamãe — ameacei, puxando com raiva o colarinho alto do vestido elegante que mamãe havia me obrigado a usar para o primeiro dia da escola – como se esse evento fosse algo especial. Para mim, ir à escola em uma bela manhã, perfeita para correr nas